

# **Contos de Jorge de Palma**

**Primeira edição  
dezembro de 2019**

**Capa: Foto de Pixabay**



*Dedicatória*

*A todos os familiares e amigos  
**que sempre me apoiaram***



# Índice

<b>Dois olhos, duas vidas.....</b>	<b>7</b>
<b>Carta da ave Maria aos avoados.....</b>	<b>22</b>
<b>A cantata natalina de Pedrinho Peixoto.....</b>	<b>26</b>
<b>O homem que andava de costas.....</b>	<b>32</b>
<b>Um homem muito bom.....</b>	<b>39</b>
<b>A viagem da mula sem cabeça.....</b>	<b>42</b>
<b>Nomes de bares inspiram Zé Pirata.....</b>	<b>45</b>
<b>Muito além do terror e da vingança.....</b>	<b>49</b>
<b>A bala perdida.....</b>	<b>57</b>
<b>Amusa disse não.....</b>	<b>59</b>
<b>Infinito prazer.....</b>	<b>62</b>
<b>Natureza erótica.....</b>	<b>65</b>
<b>O corredor.....</b>	<b>67</b>
<b>Relato de um viajante.....</b>	<b>71</b>

<b>O roubo perfeito.....</b>	<b>74</b>
<b>Gêmeos.....</b>	<b>77</b>
<b>O tiro no escuro.....</b>	<b>79</b>
<b>Os leões.....</b>	<b>81</b>
<b>Um dia ainda vamos rir.....</b>	<b>83</b>
<b>Estória mineira.....</b>	<b>86</b>

## Dois olhos, duas vidas

### I Estes olhos

Ele havia chegado de manhã e durante todo o dia ficou sentado, chorando, à beira de um túmulo. Estava em total desânimo. Não teria mais que quinze anos.

As pessoas que entraram no cemitério naquele dia viram a mesma cena e o fato acabou chegando aos ouvidos do pároco da cidade.

Assim, quando ia anoitecer o menino ainda estava lá e o padre resolveu ir conversar com ele. Talvez a sua presença pudesse consolá-lo e resolver seus problemas.

Do portão do cemitério via-se o menino de costas. O padre aproximou-se devagar e perguntou:

-Posso conversar com você?

No início o menino pareceu surpreso, mas depois concordou.

-Sim padre, eu quero confessar e comungar, pois nesta noite eu morro.

-Ora, não diga isso - exclamou o padre, admirado - você ainda é jovem e tem muito o que viver. Conte-me os seus problemas.

-Eu vou contar, padre - e o menino pôs-se a falar - o senhor está vendo estes olhos? Estes olhos que me fazem ver toda poesia e beleza e toda a maldade da terra? Estes olhos que e guiaram até esta sepultura, que já fizeram parte de outro ser, estes olhos, eu sinto vontade de arrancá-los. Eu não sei se devo odiá-los, todavia eu tive um grande amor por uma parte destes olhos!

O bom padre não entendeu o que o menino queria dizer. Contudo, abraçou-se a ele e ajudou-o a levantar-se. Depois, convidou-o:

-Vamos, vamos para a minha casa e lá você me contará toda essa história.

Um tanto contrariado, o menino que se chamava Ricardo, abençoou-se diante do túmulo, murmurou algumas palavras e seguiu junto ao padre.

## **II - Quando tudo era belo**

Eu adorava a nossa fazenda. De manhã, bem cedo, quando tudo era silêncio lá nas goiabeiras e os pardais ainda estavam dormindo, eu me levantava e, depois de tomar café, ia para o estábulo buscar o Veloz.

Era o meu cavalo mais estimado. Era marrom, bem clarinho e todas as manhãs ele percorria a fazenda levando-me em seu dorso. Assim eu passava as primeiras horas. Depois pegava meu estilingue e ia atirar pedras nos pardais. Gostava das andorinhas. Dos pardais, não.

Papai me dissera que, quando ele era jovem, milhares de andorinhas viviam no velho engenho até que chegaram os pardais. Eles multiplicaram-se rapidamente e acabaram expulsando as andorinhas. Por isso eu não gostava deles e, quando estavam fazendo festa lá nas goiabeiras, eu lhe atirava pedras com o meu estilingue.

Gostoso também era subir na jabuticabeira, chupar as frutinhas e depois mergulhar nas águas do ribeirão que passava quase embaixo da formosa árvore.

Todavia, não era só de divertimento que eu vivia. Ajudava a tirar leite das vacas, tratar dos animais e, às vezes até ia cortar cana juntamente com outras pessoas da fazenda.

Quando a tarde caia, aprontava as lições da escola e meu pai me levava para o ginásio da cidade próxima. Mais tarde, meu pai, ou o Juca, meu irmão, ia me buscar na cidade.

Geralmente, retirava livros da biblioteca e levava para ler sob a sombra de um maravilhoso pé de ipê amarelo. Tudo era belo e calmo.

O vento balançava as pequenas flores amarelas e algumas caíam sobre o livro aberto em minhas mãos. Mas então, quando amava toda aquela natureza, que ela ameaçou desaparecer para sempre de minha vida. Foi então que caiu sobre mim a ameaça de ficar cego.

### **III - E eu conheci Estela**

O pátio do hospital também era bonito. Tinha árvores e passarinhos. De certo modo compensava a manhã que tinha perdido de passar na fazenda. O que estava faltando ali era o meu estilingue. Se estivesse com ele, aqueles pardais não estariam fazendo aquela festa e todo aquele barulho. Mas também até que era bom vê-los cantando e voando de um lado para outro, pois o que seria dos doentes que estavam naqueles quartos se não pudessem escutar o gorjear dos pássaros? Foi então que me entristeci. O que poderia fazer se ficasse cego.

Como iria atirar pedra nos pardais? Como iria cavalgar o Veloz? Era certo que os livros, o Juca poderia ler para mim, mas de que adiantaria isso se eu não pudesse mais ver e sentir a poesia da própria natureza?

Aquele temor me assaltava. Para não ficar em pânico, desviei a atenção para as árvores e os pardais. Mas nem aquilo veria mais se a minha doença não fosse curada.

Justamente quando nada mais conseguia me entreter, surgiu no pátio, como por encanto, aquela maravilhosa menina de cabelos dourados e olhos azuis. Então o milagre aconteceu. Esqueci de minha doença e a imagem dela tomou conta de meus pensamentos.

Ela veio devagarzinho e arriscou com delicadeza: -Bom dia

-Bom dia! - respondi admirado. Era a primeira vez que ia via Estela e então iniciava a nossa primeira conversa.

-Você mora aqui na Capital?

-Não - respondeu ela - moro no interior, mas como estou doente, meus pais me trouxeram para fazer uma consulta médica e você?

-Meu caso é o mesmo, mas espere ai, eu ainda não sei o seu nome - disse ao mesmo tempo perguntando.

-Estela - respondeu a menina e com um sorriso replicou: - E o seu nome, eu posso saber?

Mas é claro que ela poderia saber e a todas as perguntas que me fez, respondi com satisfação. O mesmo se deu com ela.

Estela falou-me de sua doença, mas eu desviei logo a conversa para um assunto mais alegre. Falei-lhe sobre a minha vida e sobre toda a beleza e poesia de nossa fazenda. Notava nos lidos olhos azuis a satisfação que ela sentia e percebi também que tudo o que eu lhe contava fazia surgir nela o desejo de conhecer a fazenda de meus pais.

Conversávamos animadamente quando meu pai apareceu. Notei que ele estava preocupado, contudo forçou um sorriso quando me viu. Tão logo ele se aproximou, apresentei-lhe Estela.